

MOVIMENTOS DA HISTÓRIA

“MOVEMENTS OF HISTORY”

Douglas Maris Antunes Coelho, Hélio Rebello Cardoso Júnior
Campus de Assis – Faculdade de Ciências e Letras – História –
douglasmaris@hotmail.com – PIBIC/ CNPq

Palavras chave: Genealogia do Poder; Vigiar e Punir; História

Keywords: Genealogy of power, Discipline and Punish, History

Introdução/Objetivo

A história desde que se constitui como disciplina passa por constantes debates em torno de suas bases epistemológicas, colocando sempre em movimento os intelectuais que trabalham no campo da disciplina ou se utilizam da história para suas análises teóricas. Michel Foucault, enquanto um desses intelectuais, desenvolveu uma perspectiva histórica muito singular, com métodos nada convencionais, propondo novas abordagens para o campo historiográfico, que foram e continuam sendo de grande importância para os debates históricos. Sendo assim, objetiva-se, nessas linhas que se seguem, entender o processo de formação da metodologia de História de Foucault tendo como parte desta análise o estudo da *Genealogia do Poder*, um dos momentos do pensamento de Foucault que ajudam a entender como ele concebe a História em seus escritos e, em seguida, compreender, sucintamente, a aplicabilidade de seu método genealógico no livro *Vigiar e Punir*, concluindo com suas contribuições para o campo historiográfico.

Genealogia do Poder

Os escritos de Michel Foucault mantêm um caráter de inconstância, seus objetos de pesquisa e métodos de análises variam no decorrer de toda a sua obra, sem que isso signifique que sua obra não seja coerente do ponto de vista conceitual, particularmente quanto à idéia de história e ao método nela presentes. De acordo com Giles Deleuze, a obra de Michel Foucault pode ser dividida em três grandes eixos. Ser/Saber Ser/Poder e Ser/si (Cf. DELEUZE, 1988, p. 122), intitulados, respectivamente, “*Arqueologia do Saber*”, “*Genealogia do Poder*” e “*Estética da Existência*”.

Em sua primeira fase, durante a década de 1960, intitulada *Arqueologia do Saber*, o pensador tem como objeto de pesquisa as formações discursivas e como certos conjuntos de discursos emergem como verdadeiros em um determinado expediente

histórico. Seria como um arqueólogo buscando quaisquer resquícios de homens e mulheres ao longo da história da humanidade tentando desvendar os saberes que compunham os diversos períodos da história, traçando, assim, uma história da multiplicidade de verdades de maneira descontínua.

No decorrer de suas pesquisas, Foucault deparou-se com o problema do poder não isolado pelo método arqueológico e é durante a década de 1970 que o pensador entra em contato com os escritos do filósofo Nietzsche. Nesse período, Foucault desenvolve a *Genealogia do Poder* com o intuito de desenvolver uma análise do poder, através do estudo das práticas, buscando traçar um diagrama das relações moleculares de poder, que configuram as relações sociais. A tarefa da genealogia é fazer uma análise das formações discursivas partindo das práticas que as compõem, através de uma metodologia que permitisse a análise das relações de poder, não mais somente a partir do discurso. O objetivo agora é compreender como “são formadas as práticas” e não “o que as formam”.

A Genealogia em Vigiar e Punir

Em seu livro *Vigiar e Punir*, produto da fase genealógica, Foucault faz uma análise das figuras de punição, abordando as diferentes práticas punitivas que emergiram historicamente. Ele demonstra que, no século XVII, houve um processo de reforma humanista, por parte de juristas e filósofos, que objetivavam transformar o caráter da punição, tirando-a das mãos do soberano, para assim melhor distribuí-la socialmente. Após essa reforma penal é possível notar que um novo conjunto de práticas punitivas emerge, causando uma inversão na concepção do castigo. Isso porque, com o soberano, a punição buscava o máximo de visibilidade, com as execuções públicas, os chamados suplícios; após a reforma, nota-se que o poder que pune não se expõe mais, agora ele se esconde e se fundamenta em defesa da sociedade.

O século XVII e final do século XVIII são marcados por uma inversão de práticas de poder-saber, esses deslocamentos, essas movimentações permitem que se configure um “rosto histórico” singular ao período, marcado pela diferença. Para compreender a emergência das novas práticas punitivas, Foucault aponta para o processo de disciplinarização que abarcava toda a sociedade européia.

A constituição da sociedade disciplinar tem seu início no final do século XVIII, atingindo o seu ápice no século XX, deriva de uma arte sobre o corpo com o intuito de inseri-lo em uma relação diretamente proporcional entre a utilidade e a obediência. Num mundo que se inicia capitalista, a disciplina surge como um veículo ou uma “tecnologia” do poder que busca maximizar a produtividade e, por outro lado, busca destituir o

corpo dos indivíduos de uma atuação política na forma de resistência.

Segundo Michael Foucault, a disciplina emerge como uma tecnologia do poder que é usada para fins maciços, servindo para funções específicas em diferentes instituições (prisão, exército, hospital, escola, etc.) A característica básica da tecnologia disciplinar é sua condição de moldar uma massa amorfa de corpos de acordo com uma determinada função, porém, exige-se restrição da multiplicidade de corpos e que o espaço seja limitado. Foucault não afirma que a disciplina está contida nos espaços disciplinares, mas que a disciplina é uma relação de poder que se atualiza em diferentes instituições ou espaços, buscando aumentar o seu campo de propagação

Podemos notar que Foucault, em *Vigiar e Punir*, fez uma genealogia do poder, partindo de um conjunto de práticas punitivas e disciplinares, traçando o contorno de inúmeras práticas vizinhas que se entrecruzam, como o exame, a vigilância, as ciências humanas caracterizando a sociedade disciplinar.

A sucinta exposição da obra *Vigiar e Punir*, teve o objetivo de demonstrar como Michel Foucault desenvolve a genealogia das práticas poder - saber e dos regimes discursivos formados por um conjunto de determinadas práticas. É na relação entre as práticas que os acontecimentos, os objetos, os conceitos emergem.

Contribuições de Foucault à História

Michel Foucault não pretendeu ser um historiador, ele mesmo não gostava dos rótulos, mas os seus conceitos e sua concepção de história contribuíram muito ao meio acadêmico. Foucault, com o seu método histórico, valorizava o corte, o sujeito de conhecimento, a história das verdades proclamadas pelos homens, colocando em questão as linearidades históricas, o sujeito dado de antemão, o progresso dos “saberes”. Tais apontamentos fizeram surgir questões inquietantes aos historiadores da segunda metade do século XX, o passado passava a se reduzir a práticas discursivas, a temporalidade se relativizava e os objetos históricos naturais sofriam questionamentos que abalavam a sua estrutura de sustentação.

Através do corte histórico, Foucault traçava a história da loucura, das práticas punitivas, demonstrando que aquilo que se pensava não ter história poderia se tornar objeto de pesquisa. A história teria se preocupado demais em compreender o passado, esquecendo-se de observar que na verdade tratava-se de cortar o passado, de buscar as discontinuidades e não de compreendê-lo. Para Foucault o objetivo não consistia em compreender o real, mas desconstruí-lo enquanto um conjunto de discurso e práticas.

A posição de Foucault diante a história rompia com a linha de pesquisa histórica seguida pelos intelectuais marxistas tanto quanto os não marxistas, que partiam da famosa estrutura social representada através da “realidade objetiva”, com o objetivo de explicar as práticas políticas, econômicas, os grupos sociais. Foucault propunha, então, “pensar como haviam sido instituídas culturalmente as referências paradigmáticas da modernidade em relação ao próprio social, à posição dos sujeitos, ao poder e às formas de produção do conhecimento” (Rago, 1995, p. 72.).

O intuito do método de análise histórica proposto por Foucault era resgatar o “fato” histórico enquanto diferente, singular, buscar a essência da época, captar as “diferentes determinações” que caracterizavam o acontecimento. Foucault propunha que se partisse das práticas para perceber como e quando determinado objeto emergiu como tema. Dessa forma, a história genealógica se oporia à história dos historiadores, a essa história que é atravessada pela referência hegeliana, procurando recuperar o que os documentos diziam, como se seu passado pudesse ser revelado. Agora a História seria vista como um campo compostos por forças móveis e caberia ao historiador tentar apreender o diagrama percebendo como os jogos de poder se constituem.

Bibliografia

DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. São Paulo: Editora Vozes, 1995, 23ªed.

RAGO, M. “O efeito-Foucault na historiografia brasileira”. In: TEMPO SOCIAL. Rev. Sociologia. 7(1-2). São Paulo: USP, out/1995. Disponível em: (<http://www.fflch.usp.br/sociologia/revistas/tempo-social/v7-1e2/rago7.html>). Acesso em 20 jun. 2010.

VEYNE, P. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, 4ªed.